

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA– MODALIDADE A DISTÂNCIA (EAD)

ESCOLA, DESEMPENHO, FAMÍLIA: RELAÇÕES QUE SE CONSTROEM

Rejane Petró de Oliveira

Porto Alegre

2010

ESCOLA, DESEMPENHO, FAMÍLIA: RELAÇÕES QUE SE CONSTROEM

**Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de
Pedagogia – Licenciatura, da Faculdade de
Educação da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, como requisito parcial e
obrigatório para obtenção do título**

**Licenciatura em Pedagogia
Prof.º Orientador: Luís Armando Gandin
Tutora: Tanara Forte Furtado**

Porto Alegre

2010

Agradecimentos

Primeiramente a Deus, pela Sua força que nos ampara e nos torna vitoriosos. Pela luz que iluminou meus caminhos para que eu pudesse concluir mais uma fase de minha vida.

Aos meus amados pais, Pedro e Neúlde, pelos seus ensinamentos e por terem valorizado sempre a educação como sendo o único meio de se alcançar um futuro digno.

Aos meus três amados filhos, Leonardo, Lucas e Vitória, e a meu esposo Lealdo, pela paciência, tolerância, companheirismo e compreensão que em muitos momentos necessitei privá-los da minha presença para a realização deste trabalho e de todo do curso.

Aos professores, mestres e tutores que me acompanharam durante toda a graduação.

Ao meu professor orientador deste trabalho, Professor Luís Armando Gandin, que com tanta presteza e dedicação colaborou para a conclusão desta monografia.

A tutora Tanara Forte Furtado que, incansavelmente, acompanhou-me durante a graduação e conclusão deste trabalho.

Aos colegas da graduação. Em especial as não só colegas, mas amigas, Eliane Porto e Luciana Dias com quem convivi com muita alegria, que me incentivaram a permanecer nesta caminhada, que se fizeram presentes em grande parte dos momentos no PEAD e com as quais pude dividir momentos de felicidade e tristeza. Obrigada AMIGAS !

Aos meus alunos, em especial aos alunos da turma 31 do corrente ano com quem desenvolvi meu estágio, com os quais pude aprimorar meus conhecimentos.

Dedicatória

Dedico este trabalho, inicialmente, a Deus, pois sem Ele nada seria possível.

Aos meus pais Pedro e Neúlde, ao meu esposo Lealdo e, especialmente, aos meus filhos que são o meu farol: Leonardo, Lucas e Vitória pois além de terem me acolhido durante todo o curso, compartilharam comigo os momentos de tristezas e também de alegrias, nesta etapa em que, com a Graça de Deus, está sendo vencida.

Resumo

A integração entre a família e a escola pode ser considerada, senão a mais importante, um dos pontos principais para a melhoria da aprendizagem da criança. Esta relação deve ser baseada na busca incansável de uma melhoria no ensino-aprendizagem.

A partir da experiência de estágio, onde foi destaque a escassa participação dos pais na vida escolar de seus filhos, este trabalho apresenta o objetivo de buscar informações e subsídios que possam auxiliar no resgate desta participação e despertar a conscientização de professores, pais e alunos para o processo de aprendizagem e, com isto, um melhor aproveitamento escolar do aluno/filho para que, através desta relação, as potencialidades cognitivas e afetivas dos alunos, possam ser otimizadas.

Palavras-chave: Aprendizagem, Família, Escola, Participação.

Abstract

The integration between family and school may be considered, if not more important, a major focus for improving the child's learning. This relationship must be based on a relentless search for improvement in teaching and learning. From the internship experience, where he highlighted the low participation of parents in their children's school life, this work presents the purpose of seeking information, subsidies that would assist in the rescue of such participation and raise awareness of teachers, parents and students to the learning process and, thus, better educational outcomes of student / child, so that through this relationship, affective and cognitive disabilities of the students, could be rectified.

Keywords: Learning, Family, School, Participation.

Epígrafe

“ Não se pode educar eficientemente se os pais e professores se desconhecem, se a educação escolar estiver isolada da educação familiar.”

Suenens

SUMÁRIO

1 Introdução.....	08
2 Referencial Teórico.....	13
3 Desenvolvimento.....	19
3.1 Relato da Experiência.....	19
3.2 Possíveis fatores que distanciam a família da escola.....	27
3.3 Ações desenvolvidas pela escola facilitando a relação família/escola...	30
4.Considerações Finais	34
5. Referências Bibliográficas.....	36

1- INTRODUÇÃO

Acompanhar a criança até a escola não é sinônimo de acompanhar sua vida escolar. Este foi, e ainda é, o dilema enfrentado por mim durante o estágio curricular supervisionado, desenvolvido neste ano letivo de 2010, com crianças de um 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da periferia de Alvorada.

A comunidade na qual essa escola está inserida é caracterizada pelas fortes presenças do tráfico de drogas, crimes e outros diferentes tipos de violência.

Antes mesmo do início do ano letivo, já observando os alunos naquilo que faziam e o que deixavam de fazer, no que gostavam de trabalhar, suas brincadeiras, enfim, os interesses daquela turma em especial, aconteceu, o que para mim, foi algo preocupante.

Ao receber a atividade de uma aluna, sem seu nome para identificação, surgiu a dúvida daquela criança: "*Prof., qual é mesmo meu nome? É que eu não sei qual é o meu nome direito.*"

Meu espanto foi grande, pois não conseguia entender como aquela criança, no 3º ano, com quase nove anos, ainda não sabia ao certo o seu próprio nome.

Que tipo de referências tinha aquela criança que não conseguia se identificar? Cheguei até a pensar que eu é que estava exigindo demais, que estava querendo muita coisa daquela criança em pleno início de ano.

Mas para minha surpresa ser ainda maior, comecei a entender que a maioria dos alunos conhecia apenas o seu primeiro nome e não a sua composição completa.

Diante dessa constatação passei a desenvolver meu estágio objetivando auxiliá-los a construírem, ainda que não toda, parte da sua identidade.

Lançada a proposta de construção da identidade, seria necessário resgatar naquele aluno junto com seus familiares, fatos, acontecimentos, origem e costumes, parte da própria história de vida de cada família.

Para que isso pudesse acontecer de maneira satisfatória, por várias vezes solicitei a ajuda dos pais, dos avós, tios, irmãos, enfim, ajuda de pessoas que pudessem informar alguma coisa capaz de ajudar a criança a entender a sua própria origem, sua própria história.

Novamente a frustração se fez presente em minha atuação docente: mesmo com tentativas de resgatar informações importantes, não houve a colaboração familiar o que tornou o trabalho em sala de aula mais difícil, complicado e delicado.

Claro que a participação de algumas famílias para este trabalho não foi totalmente ausente. Tive o auxílio de alguns poucos pais que trabalharam com afinco com seus filhos, resultando num trabalho significativo para o aluno.

Entretanto, na maioria dos trabalhos, muitos deixaram de fornecer informações básicas, como por exemplo: nome do pai e/ou mãe, origem dos avós, o porquê foi escolhido o nome da criança, quantos membros possui aquela família, com que pessoas aquela criança vive, etc.

Esses exemplos evidenciam que a família, no que diz respeito a relação que estabelece com a escola, pode optar por participar ou não da construção da aprendizagem de seus filhos de diferentes maneiras.

Ao propor atividades que dependiam de uma participação mais assídua dos pais, os resultados não foram muito satisfatórios.

Os motivos que levaram a este resultado, podem ser divididos entre fatores relacionados:

- a) diretamente aos alunos,
- b) às famílias e
- c) à escola.

Originou-se então uma certa inquietação em mim, como profissional da educação, ao me deparar constantemente com estas dificuldades: que resultados se pode ter quando são lançadas propostas de atividades para envolver a família no processo ensino-aprendizagem e esta não participa?

Ao iniciar o projeto de estágio busquei oferecer condições para o aluno compreender-se como parte integrante da sociedade, conhecer sua própria história, suas origens, enfim, tornar-se capaz de reconhecer-se como indivíduo do seu próprio processo histórico-social. Para isto acontecer, seria necessário que a família se dispusesse a oferecer informações primordiais para aquele projeto se desenvolvesse e que fossem informações substanciais para aquela faixa etária. Seria fundamental a participação da família.

A família também é responsável pela aprendizagem da criança e os pais são os primeiros “ensinadores”. De acordo com Fernandes (2001, p.42):

...a família também é responsável pela aprendizagem da criança, já que os pais são os primeiros ensinantes e as atitudes destes frente às emergências de autoria, se repetidas a modalidade de aprendizagem dos filhos. (Fernandes,2001,p.42)

A grande parte dos professores hoje reclama da ausência, da falta de comprometimento dos pais com a vida escolar de seus filhos considerando esta interação, ente envolvimento dos pais junto à escola um fator importantíssimo que contribui para a formação integral do aluno/filho. Em contrapartida podemos dizer que esta parceria não é uma busca fácil pois, muitas vezes, a própria escola não deixa clara qual é a sua verdadeira intenção com esta parceria, deixando a família insegura, com pouco esclarecimento sobre o trabalho pedagógico e objetivos que se pretendem alcançar.

Já existem estudos comprovando que quando a família participa, interage com a escola, se envolve com as atividades escolares de seus filhos, o rendimento escolar do educando é mais satisfatório. Por exemplo, um estudo feito por Coleman percebeu que:

“A escola exerce pouca influência no desenvolvimento da criança que possa ser considerada independente de seu contexto social maior. Neste, estão incluídos os pais, como a sociedade na qual a criança cresce (1966,p.325).”

Assim, podemos entender que a sociedade como um todo, a escola e os pais constituem uma rede de interação em que o aluno/filho encontra-se plenamente envolvido. Com este olhar a escola tem, como uma de suas funções, criar condições que oportunizem à criança esta interação de maneira positiva em relação, também, à família que a cria , com isto o benefício na realização das atividades propostas e realizadas dentro da instituição escola.

Podemos destacar também, um estudo feito por Christenson (1995), onde considera importantes alguns aspectos no que diz respeito à participação da família na vida escolar do aluno/filho:

- ✓ A escola tem por obrigação aproximar-se cada vez mais dos pais.
- ✓ A parceria, entre a família e a escola, não é exercida com freqüência a qual deveria, nem tão pouco com a devida importância.
- ✓ A participação ativa, ou não, da família na vida escolar do aluno encontra-se diretamente ligada ao sucesso, ou fracasso, escolar da criança.

- ✓ O diálogo entre a escola e família deve ser constante e positivo.
- ✓ Definir, sem erro, quais os efeitos dos pais e da escola em relação a criança é uma tarefa difícil, delicada e extremamente complexa.

As tentativas de envolver a família nas atividades escolares foram várias, não havendo esta ou aquela que tenha sido correta ou não. O melhor é acontecer esta parceria entre escola e família, uma participação mais efetiva. Quando isto deixa de acontecer, os resultados obtidos na aprendizagem da criança deixam de ser significativos para ela como indivíduo.

Portanto, foi baseando-me na prática de estágio, na escassa participação da família nas atividades propostas, nos resultados obtidos com a tentativa de resgatar parte da história de cada um para melhor auxiliar o aluno a compreender-se como cidadão que faz parte de uma sociedade, que passei a pensar e buscar, senão justificativas, subsídios, explicações que possam ajudar a entender estes resultados.

As perguntas que guiaram esse trabalho de conclusão são as seguintes: de que forma a relação escola-família pode contribuir para a aprendizagem do aluno/filho? Quais resultados se pode obter com esta relação?

Partindo da questão-foco, procurei trazer, também, alguns aspectos relevantes quanto ao distanciamento da família em relação à escola e possibilidades de ações a serem desenvolvidas pela escola para diminuir este distanciamento.

Buscando responder a questão definida acima, esse trabalho está organizado da seguinte forma: o capítulo que segue, trata do referencial teórico. Nele é apresentada, entre muitas, a literatura que demonstra alguns prejuízos e benefícios causados pelo envolvimento, ou não, da família na educação do aluno/filho deixando a entender a existência de uma relação estreita entre as expectativas dos pais e o desempenho escolar da criança. A seguir, apresento os dados de pesquisa e a análise dos efeitos do distanciamento das famílias do ambiente escolar no que diz respeito ao rendimento da criança o que, também, será refletido na sua auto-estima.

Algumas causas possíveis que levam a esse distanciamento também são relatadas nesse capítulo bem como algumas medidas cabíveis que, se usadas pela escola, podem auxiliar no resgate da participação dos pais.

Finalmente, ofereço minhas considerações finais onde exponho acreditar que, na relação com a família, a escola necessita criar possibilidades para que aconteça uma relação de diálogo, de cumplicidade, de crítica e libertadora a fim de facilitar essa participação dos pais no ambiente escolar. Superar barreiras que existem entre

essa relação é, no mínimo, demonstrar boa vontade, respeito e responsabilidade de ambas as partes com o processo educativo.

2- REFERENCIAL TEÓRICO

Ao tratarmos da relação família-escola se faz necessário ressaltar a fundamental importância que essa primeira sociedade tem, junto ao processo ensino-aprendizagem da criança. Entretanto, nos dias atuais, esta relação nem sempre é completa. Quanto mais precoce a família participar do cotidiano escolar da criança, das atividades propostas em parceria com a escola, melhor serão os resultados.

Não se pode ver a escola sem a família, e vice-versa, pois elas se complementam. É baseado nessa parceria que se procuram alcançar os objetivos de desenvolver e construir, de maneira harmoniosa e satisfatória, a aprendizagem do aluno/filho contribuindo, assim, para que haja uma formação integral da criança.

Como cita Lacan "... a importância da primeira educação é tão grande na formação da pessoa que podemos compará-la ao alicerce de uma casa." (LACAN, 1980 apud BOCK,1989,p.143). Com este olhar, podemos afirmar que a família é a base para qualquer indivíduo sem levar em consideração somente a família consanguínea mas todas as estruturas de organização formadas da partir de laços afetivos.

Se definirmos a escola como uma instituição social que visa o trabalho e a construção coletiva e que possui dentro de si diferentes familiares, percebe-se que ela, também, é responsável pela educação pedagógica auxiliando o aluno no entendimento de regras sociais, na formação de seus valores sejam eles morais, afetivos, éticos. Entretanto, quando o aluno/filho deixa de ter o acompanhamento de família nas atividades escolares propostas, isto poderá gerar para ele uma certa dificuldade no processo da aprendizagem.

Hoje, a família está cada vez mais depositando na escola a responsabilidade da primeira educação, alegando falta de tempo: pai e mãe trabalham e o filho fica com outra pessoa, com a "tia da creche".

Paulo Freire, em seu livro *"Professora sim, Tia não"* (1993), ressalta o verdadeiro papel da escola: onde o(a) professor(a) não pode ser considerado "babá", um substituto dos pais, ou seja, o que costuma-se ouvir "a professora é a tua segunda mãe...". O professor deve sim ser considerado como mediador, aquele que auxilia na "criação" de uma consciência crítica, de um cidadão capaz de entender-se como parte da sociedade.

O resultado desta inversão de papéis, de responsabilidades, de referência para o aluno/filho exige uma análise mais crítica no que diz respeito às causas e consequências as quais irão auxiliar, ou não, na aprendizagem da criança, nos laços afetivos e em suas relações com o meio. Definir estes papéis é uma ação importantíssima.

Algumas famílias têm procurado responsabilizar a escola delegando atribuições que não são de cunho escolar. Por sua vez, a escola tenta buscar a participação familiar através de atividades pedagógicas onde se busca a interação entre escola e família visando o bem estar da criança, que é o público alvo para quem se trabalha.

Para exemplificar, podemos falar sobre as atividades extra - classe. Aqui, o professor se usa desta estratégia para fazer a família participar da vida escolar do aluno/ filho. Mas nem sempre esta estratégia dá certo, ou acontece de maneira satisfatória.

A criança, sem dúvida, necessita de referências. É fundamental que os pais participem das atividades escolares de seus filhos, no entanto, infelizmente esta é uma ação que nem sempre acontece devido à grande carga de trabalho, o acúmulo de responsabilidades, pela separação do casal, que são alguns exemplos que contribuem para que este acompanhamento não aconteça de forma adequada. De acordo com Müller (2001, p. 31),

Quanto ao envolvimento dos pais nas atividades propostas pelas escolas constatamos que muitos praticamente não dispõem de tempo para estarem indo à escola participar de discussões pedagógicas.

Sabendo-se disto, que muitas famílias não possuem condições satisfatórias para acompanhar a vida escolar do aluno/filho, a escola não pode dar as costas para este problema. A escola precisa sim encontrar maneiras para oportunizar estas famílias para que sejam presentes no processo de aprendizagem da criança.

Os pais precisam ficar mais atentos às dificuldades pelas quais a criança passa. Muitas das vezes, estas resultam em mudanças de comportamento, de relacionamento e o professor tem um papel importantíssimo neste processo, pois será necessário que ele “ensine” esta criança a reconhecer sua própria identidade. A família, também, tem este importante papel. Pois é ela que deve estar atenta e apresentar cuidados para que não seja causado nenhum transtorno ainda maior na criança.

Havendo uma colaboração maior, um acompanhamento dos pais em relação a vida escolar de seus filhos, se tornaria mais fácil, para o professor, detectar as dificuldades do aluno/filho, entender porque se encontra, muitas vezes, desmotivado em aula. A criança percebendo este acompanhamento por parte dos pais se torna mais segura, apresenta maior esforço em aula, em suas atividades e a aprendizagem, com certeza, se tornaria mais tranquila, mais fácil e mais significativa. As estratégias utilizadas pela família, pela escola ou, até mesmo, em um outro ambiente onde a criança fica não podem ser isoladas. Elas precisam ser articuladas de forma que auxiliem o aluno/filho a ter um sucesso escolar.

Com uma participação mais ativa dos pais, ou de seus familiares, se torna possível encontrar maneiras que sejam mais eficazes para o desenvolvimento do aprendizado da criança e que consiga atender as necessidades dos alunos e ansiedade daquela comunidade em especial.

Para Pilette (1987,p.188), ele deixa claro que:

...o fato de as atividades de ensino e aprendizagem, nas diversas matérias, constituírem as funções específicas da escola, não implica que a comunidade deva estar ausente delas. Pelo contrário: quanto maior a presença da comunidade, tanto maior tenderá a ser a eficácia dessas atividades.

Já passou aquele tempo em que a comunidade tinha que se adequar às escolas. Hoje, já são outros tempos onde a escola é que tem a necessidade de se adequar às necessidades da comunidade a qual ela faz parte.

Devemos considerar que a relação da escola com a família contribui para o sucesso escolar da criança de diferentes maneiras e pode ou não contribuir para uma permanência duradoura do aluno/filho no ambiente escolar, fazendo com que também a sua aprendizagem seja satisfatória. Isto mostra como é importante a escola articular maneiras de se aproximar das famílias dos alunos.

Não há como a família transferir para a escola a sua responsabilidade, o seu papel. Quando isto acontece, quando há esta transferência de responsabilidades, a família deixa de contribuir para um processo de amadurecimento da criança, o que provoca insegurança e insatisfação, levando-a a um mau rendimento escolar.

A esse respeito Nogueira diz (1999):

Se a escola é uma instituição pública da qual os pais dos alunos fazem parte, este deve poder participar de tomadas de decisão em

relação aos objetivos educacionais, à prioridade e às metas do projeto educativo. (p.15).

Neste posicionamento, fica claro que a família não deve simplesmente querer justificar sua ausência na vida escolar da criança, nem ao menos ter o pensamento de que a escola deve dar conta sozinha do aprendizado deste aluno. Ambas as partes, família e escola, precisam compartilhar de uma relação transparente, de cooperação, de ajuda mútua colocando em prática, cada uma, sua função com autonomia e respeito recíproco.

Hoje podemos encontrar na literatura ideias que defendem a importância da existência de um acompanhamento por parte da família, ressaltando que a criança pode sim apresentar um melhor rendimento escolar. Esta participação possibilita, sem dúvida, um aprendizado mais verdadeiro.

Segundo a afirmação de Içami Tiba em seu livro "*Quem ama educa*":

[...] quando a escola e os pais falam a mesma língua e têm valores semelhantes, a criança aprende sem grandes conflitos e não joga a escola contra os pais e vice-versa[...] (2002,p.183)

Isto é mais uma certeza de que a parceria entre família e escola, dá certo quando ambas tem um mesmo objetivo a ser alcançado: o aluno/filho

Outro aspecto importante para que esta parceria seja eficaz, é entender que deve ser identificada como uma forma de auxiliar o aluno, educar, ensinar e aprender um com o outro. Já diz Freire "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo." (FREIRE,1987,p.68).

Paro (2000), desenvolveu um estudo focado no papel da família no desenvolvimento escolar das crianças, onde destaca que o afastamento existente entre a família e a escola não poderia ser do tamanho que é apresentado porque, segundo ele, a escola ainda não

assimilou quase nada de todo o processo da psicologia da educação e da didática, utilizando métodos de ensino muito próximos e idênticos aos do senso comum predominantes nas relações familiares (p.16).

O autor chega a comparar que a atual escola dos filhos se assemelha muito com a escola que os pais freqüentaram, motivo pelo qual os pais não deveriam se distanciar de tal maneira da escola e, também o professor mesmo que saiba da

importância da presença e participação dos pais na vida escolar dos alunos/filhos, ainda não sabem muito bem como fazer esse encaminhamento.

Usando palavras de Paro,

parece haver, por um lado, uma incapacidade de compreensão por parte dos pais, daquilo que é transmitido pela escola; por outro lado, uma falta de habilidade dos professores para promoverem essa comunicação. (p. 68).

O ideal seria que houvesse um trabalho que envolvesse a escola e família de maneira harmoniosa, coletiva, cooperativa e interativa, pois as influencias desses dois ambiente trazem benefícios ao aprendizado da criança.

Para que esta parceria dê certo e os objetivos sejam alcançados, se faz necessário definir qual o papel da família e qual o papel da escola neste aprendizado. Algumas famílias transferem responsabilidades que são suas, deixando a cargo da escola a responsabilidade de educar, transmitir valores, além de tentar fazer com que a escola supra, também, a carência afetiva da criança, a falta da presença da família. Em contrapartida, precisa-se ter o cuidado de não deixar que isto aconteça e evitar que a escola assuma responsabilidades que são específicas da família.

Um contato ainda maior entre a escola e família poderia demonstrar um interesse maior pelo desenvolvimento do aluno/filho o que, certamente, resultaria em uma aprendizagem mais significativa..

Os pais, sem dúvida, são a maior referência para o aluno/filho. Quando a criança sente a falta dessa referência, quando ela sente a ausência da família em sua vida escolar, são inúmeras as conseqüências, por exemplo, o baixo rendimento, a dificuldade na aprendizagem, a falta de interesse com as atividades propostas, mudanças no comportamento se tornando, na maioria das vezes, agressivo ou apático. Este distanciamento, dos pais em relação a vida escolar da criança, geralmente, acontece ainda na infância. Os pais começam a diminuir, gradativamente, esse acompanhamento que é fundamental nessa fase chegando até ir à escola somente quando se sente obrigado para tomar conhecimento de algum problema com o filho na escola.

Não resta dúvida de que a situação de bem-estar das crianças e dos adolescentes encontra-se diretamente relacionada à possibilidade de manterem um vínculo familiar estável. Nesta perspectiva(...) percebe-se a convivência familiar como um aspecto

essencial de seu desenvolvimento e como um direito inalienável.
(KALOUSTIAN,1998,p.9).

O aluno/filho necessita, extremamente, do apoio dos pais para que ele tenha a confiança desejada em si mesmo a fim de conseguir adquirir o conhecimento, sem medo de errar e receber punição pelo erro cometido.

A criança quando apresenta aos pais um trabalho escolar, ou uma atividade simples desenvolvida em aula ou até mesmo em casa, ela quer sentir-se especial, importante para os pais. Se esse retorno não lhe é proporcionado, passa a sentir-se insegura, isolada e, com isto, o sentimento de incapacidade de aprender chegando a usar de artimanhas para chamar a atenção dos pais. O que é mais comum, e errado, são os pais pensarem que conseguem suprir essa necessidade da criança, esse sentimento de inferioridade, de não valorização, comprando-a com brinquedos, roupas, coisas materiais quando, na verdade, o que ela mais precisa é da presença dos pais em sua vida escolar valorizando cada conquista, estimulando a buscar sempre mais.

No entanto, ficam algumas questões a serem discutidas, como por exemplo, *o que leva a família a se distanciar da escola sabendo que a sua participação é importantíssima para a educação da criança? E a escola, quais ações poderia desenvolver visando facilitar esta reaproximação? Que resultados poderiam ser alcançados na aprendizagem das crianças com esta parceria?*

3- DESENVOLVIMENTO

Com este estudo busco analisar, através da experiência do estágio e dos resultados obtidos a participação da família nas atividades escolares do aluno/filho e a influência desta no processo de aprendizagem da criança.

Também a partir desta experiência, busco subsídios que expliquem o afastamento dos pais em relação a escola, e vice-versa, e atitudes que a escola pode tomar para reaproximar a família do contexto escolar.

3.1- RELATO E ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA

Compreendendo a construção da identidade como uma relação tanto individual quanto social, não podendo referir-se ao indivíduo como um ser isolado, mas sim um ser social.

No entanto, é quando a criança chega à escola que se amplia esta construção, uma vez que o contato com as demais crianças e adultos que não faziam parte de seu círculo social íntimo irá proporcionar chances dela adquirir conhecimento sobre as diferentes relações, organizando suas emoções e ampliando sua visão de mundo.

Para poder desenvolver meu estágio na escola em que atuo não poderia me distanciar muito do planejamento trimestral. Então, assim que as aulas iniciaram comecei a trabalhar com o nome dos alunos, visto que o projeto também contemplava estudar a identidade de cada um. Mesmo que os alunos fossem crianças de terceiro ano, presumindo que já soubessem, conhecerem o próprio nome e sua composição é fundamental. Com isto, infelizmente, constatei que a maioria das crianças nem seu nome completo sabiam. Alguns desconheciam até mesmo o nome dos pais, pois só ouviam os chamar por apelidos. Foi aí que percebi a importância, ainda maior, de trabalhar com a certidão de nascimento de cada um.

Ao apresentar aos alunos a certidão de nascimento, fomos analisando cada uma de suas partes, as informações que constavam ali, dados importantes para que se desse seguimento ao trabalho.

Muitos ficaram surpresos, pois não imaginavam a quantidade de informações sobre eles mesmos contidas naquele documento.

Foi surpreendente, para alguns alunos, conhecerem o nome dos pais. Conheciam-nos por apelidos

Ao solicitar que perguntassem para os pais porque escolheram aquele nome, poucos foram os retornos obtidos. Já na primeira tentativa, pouca participação da família. Como de costume, não tenho o hábito de mandar este tipo de atividade de um dia para o outro, prefiro que seja no final de semana onde a família possa participar da realização da atividade, se necessário for.

Isto me faz lembrar da fala de uma aluna que disse: “*prof., a minha mãe nunca olha meu caderno, nem sabe o que eu faço na aula, nem pergunta o que tu dá de aula...*”, enfim, mais uma família que não acompanha a vida escolar da criança.

Claro que este tipo de atitude se reflete diretamente no cotidiano escolar da criança, no interesse que já não será mais o mesmo, o cuidado que deve ter com o seu material diário, enfim, se há somente a professora que durante 4 horas, com um número significativo de alunos para conseguir atender devidamente faz esta cobrança, que também é dela mas não só, que quer que ele produza de alguma maneira, que o estimula a aprender e a buscar este aprender, por que teria que se preocupar em desenvolver e rever as atividades propostas em aula? Onde há uma parceria, entre família e escola, de uma maneira bem articulada, onde sejam cúmplices, este pensamento por parte do aluno já não é percebido.

Os alunos, então, deram início à construção do “Livro da Vida” cujo título foi sugerido pela turma. Os pais foram comunicados acerca do trabalho que seus filhos iriam começar a construir em sala de aula.

Primeiramente foram colhidas as respostas trazidas de casa quanto à escolha do nome. A atividade poderia ter tido maior e melhor resultado se tivesse havido uma atenção maior por parte dos pais, já que a resposta teria que ser dada pelos pais. Alguns alunos chegaram a comentar que os pais responderam que haviam escolhido o nome “*...nestes livrinhos com nomes de bebês e o mais bonito colocamos...*”, outros vieram com a explicação de que foi para homenagear alguém da família, algum conhecido ou simplesmente “*porque estava na moda...*”.

O que percebi, também, é que aqueles alunos que disseram apenas “*porque sim*”, foram crianças cujos pais nem sabiam responder ou que então haviam esquecido de falar com os pais sobre a pergunta.

O segundo passo foi propor aos alunos que pesquisassem, no Ambiente Informatizado da escola, o significado de seus nomes. Esta pesquisa foi feita com o auxílio da professora responsável por aquele espaço. As descobertas foram registradas, primeiro no caderno, depois na página correspondente do livro de cada um.

O uso dos computadores, da internet e suas possibilidades é visto pelos alunos apenas com a finalidade de jogar, “orkutar”, MSN, enfim, uma “guerra” travada entre nós e estes recursos. Digo isto, pois tive uma experiência não muito satisfatória com o uso da tecnologia na escola. Foi difícil convencer os alunos a utilizarem outros recursos.

Para tentar entusiasmar os alunos a criarem um espaço onde eles pudessem fazer o registro de suas descobertas, em um dos momentos destinados ao Ambiente Informatizado, mostrei a eles o meu Blog, o que lá era postado por mim e a possibilidade que os professores tinham de registrar comentários. Apresentei a eles o *Pbworks*, onde também eram postadas atividades que eu realizava e observações feitas pelos professores e tutores que me acompanhavam. Mostrei o nosso “caderno” no Rooda e como fazíamos para realizar o envio das atividades feitas. No início, ficaram maravilhados com tantas possibilidades e a maneira com que estava sendo desenvolvido nosso curso.

Fizemos, então, uma votação de qual dos dois ambientes possíveis - Blog e *Pbworks* - eles gostariam de criar. Partimos para a abertura de *Pbworks*.

A turma foi dividida em grupos e estes criaram, com meu auxílio e da professora do AI, o *Pbworks* de cada grupo. Este espaço foi criado com a finalidade de fazer o registro das descobertas dos alunos sobre o tema em foco: o EU. Ali, seria registrado o nome de cada integrante do grupo, o porquê da escolha do nome feita pelos pais, o significado do nome encontrado na pesquisa feita na internet, os dados que seriam coletados sobre sua origem, a Árvore Genealógica da sua família, enfim, tudo o que fosse significativo sobre a sua própria identidade.

Não foi fácil. Para poder abrir o *Pbworks* de cada grupo era preciso uma autorização dos pais para que eles pudessem trabalhar livremente, dentro das propostas, naquele espaço. Infelizmente foram poucos os pais que autorizaram. No entanto, as crianças que não foram autorizadas pelos pais, participariam de maneira mais colaborativa com os colegas do grupo. A única diferença foi que seus registros não seriam postados no *Pbworks*.

A dificuldade encontrada pelos alunos em compreender como realizar a postagem naquele espaço foi grande. Tiveram dificuldades inclusive se escreverem seus próprios nomes, parecia que nunca o haviam escrito. Escreveram com letra minúscula, todo corrido, faltando parte da composição do nome, enfim, escreveram da maneira deles, sem que houvesse minha intervenção, pelo menos naquele primeiro momento. Procurei deixá-los mais livres para poder retomar em sala de aula e depois poder retomar no ambiente virtual.

Voltando para a sala de aula, retomamos a certidão de nascimento. Conversamos muito sobre a composição do nome de cada um, comparamos com a composição do nome dos pais. Veio então a proposta da construção da Árvore Genealógica.

Para esta atividade, voltamos ao Ambiente Informatizado e mostrei o trabalho que fiz durante o VI semestre onde houve a necessidade de regatar a história da minha família. Conteí a eles como foi todo o processo de pesquisa, a busca de informações e as maravilhosas descobertas feitas. Ficaram surpresos com a pesquisa e se entusiasmarão em buscar informações também.

Antes mesmo de voltarem a postar no *Pbworks*, em conjunto com a professora do Ambiente Informatizado, tentamos organizar esta escrita de maneira mais calma. Propusemos então, através de um programa com o qual os alunos da escola trabalham no AI, o Pandorga, que desenhassem uma árvore e dentro dela colocassem seus nomes, nome dos pais, dos avós maternos e paternos. Foi uma tentativa de iniciar a árvore genealógica.

Com o auxílio da certidão de nascimento, os alunos coletaram estes dados e criaram, cada um a seu modo, a sua árvore genealógica. Incrível como a dificuldade em se encontrarem naquele documento persistia. Foi quando um aluno me disse: *“Prof. O nome do meu pai não tá aqui, não aparece.”* Pensei que ele tivesse sido registrado apenas com o nome da mãe, mas não. Ele não sabia o nome do pai porque só ouvia as pessoas chamarem-no pelo apelido, nunca pelo nome. Quando ele descobriu o nome do pai na certidão de nascimento dele, o rosto de espanto foi marcante.

Aproveitando o entusiasmo dos alunos enviei pra casa algumas questões para serem respondidas e anexadas ao livro que estávamos construindo. Estas questões eram basicamente: com quem moravam, se tinham ou não irmãos e quantos, idade dos irmãos, se os pais trabalhavam, se além dos pais e irmãos havia

alguém mais (tio, primo, avós...) morando na mesma casa, qual foi a cidade de nascimento dos pais e dos avós, enfim, perguntas que necessitavam da participação da família. Porém, mais uma vez, poucas foram as crianças que trouxeram as respostas.

Mesmo com a vontade dos alunos em conhecer mais sobre sua própria história é difícil de trabalhar esta questão - família - com eles. Crianças muito pequenas ainda não possuem clareza do que realmente é família, ou melhor, cada um tem o seu entendimento sobre família, sua (re)estrutura familiar e por isto, talvez, seja complicado lidar com este conceito.

Hoje já não se tem mais, ou muito pouco, aquela estrutura de família bem definida: pai, mãe e filhos. As famílias estão passando por transformações que às vezes nem mesmo a escola está percebendo. Nós professores precisamos ter este cuidado ao trabalhar com esse tema: cuidado para não “ferir” a criança, não confundi-la ou deixá-la envergonhada diante de seus colegas e adotarmos uma postura e falas de reconhecimento, legitimação e valorização de suas estruturas familiares.

Em uma simples atividade sobre o dia das mães, percebi o quanto a presença dos pais na vida escolar de muitos dos meus alunos é escassa. Alguns aluno nem sequer realizaram a atividade por dizerem “*não tenho mãe, meu pai tem outra mulher que é a minha madrasta e eu não preciso fazer nada pra ela*”. Mais uma vez percebi a falta de referência da criança.

Continuamos a construção do Livro da Vida. Nele, as crianças registraram, além das informações sobre a própria família, seus sentimentos, suas vontades e suas relações. Uma das partes foi fazerem um desenho que mostrasse como havia sido o dia das mães e o que tinham feito. Alguns alunos adoraram poder mostrar, mesmo que através do desenho, os momentos que passaram com suas mães naquele dia. Outros, não realizaram nenhum registro, pois não tinham o que mostrar.

O livro permanecia na escola durante toda a semana e os alunos o levavam para casa nos finais de semana para que os pais pudessem acompanhar a construção. Quando chegavam na segunda-feira com o livro, alguns alunos adoravam contar sobre o que os pais acharam do trabalho. Outros comentavam que ouviam os pais dizendo “*depois eu olho, agora não tenho tempo pra isto. É trabalho pra tua professora olhar e dar a nota, se der eu olho depois.*”. Mas não desisti, continuei mandando para casa toda semana.

Infelizmente, na escola em que trabalho, não há um comprometimento da maioria dos pais no que diz respeito à valorização dos trabalhos desenvolvidos e criados pelas crianças. Já ouvi aluno dizer que a mãe havia dito “ *não precisa ir na aula quando chove porque as professora não dão aula*”, ou “*hoje tem reunião das professora e a aula é até 10h, não precisa ir na aula, não tem nada de importante*”. Quer dizer que, quando chove ou quando há reunião pedagógica os alunos vão para escola apenas para “matar tempo”? É como se não fosse dado valor algum para a vida escolar do aluno. Em dia que se tem viagem de estudo, por exemplo, para os alunos que não participam - ou por acharem que é mais um dia para ficar em casa ou pelos pais não os autorizarem pensando que será apenas um “passeio” e que nada será aproveitado – sempre são enviadas atividade extra para realizarem em casa. E o que mais entristece é chegar em aula, no dia seguinte, e ouvir o aluno dizer “ *por que eu tenho que fazer se os que foram passear não?*”. Argumentos são vários. Mas, convencê-los, é difícil.

Uma das atividades que compuseram o “Livro da Vida” era o registro do sonho de cada um. Um dos alunos me chocou com sua resposta curta e objetiva: “*Só tenho um sonho que é conhecer meu pai. Minha mãe não diz quem ele é, onde ele tá, o que ele faz. Acho que ele nem sabe que eu existo.*” Privar a criança de conhecer, de compartilhar de momentos com pai e/ou mãe, ao meu olhar, é um cruel. A criança tem o direito de saber quem é seu pai, quem é sua mãe e quando este direito lhe é negado, a meu ver, é uma desvalorização com a própria criança.

É importante destacar, mais uma vez, que a família é a primeira sociedade em que a criança participa, é o primeiro lugar que deve lhe dar condições (direito à vida, educação, lazer, cultura, saúde,...) para que, através do seu desenvolvimento social ela seja respeitada e valorizada enquanto cidadã.

Finalmente, ao concluir o livro com os alunos veio o reconhecimento e a satisfação pessoal. Quem não gosta de ouvir elogios, de ver e sentir que seu trabalho está sendo valorizado, reconhecido, e, principalmente, que conseguimos atingir, se não todos mas, boa parte dos objetivos propostos? É o que estou sentindo nesse momento: tarefa cumprida! Isso porque, durante o período de estágio, enfrentei dois grandes desafios: o de dominar a mim mesma, tentando de alguma maneira controlar minha ansiedade no que diz respeito à troca de série visto que trabalhava já há bastante tempo com 4ª séries, onde a clientela é bem diferente da que agora teria que trabalhar, com objetivos diferentes, com necessidades que

pensava serem diferentes, enfim, e o de ajudar meu aluno a reconhecer-se como cidadão, parte de uma sociedade.

No início tive medo de trabalhar com alunos pequenos, de terceiro ano, pois estava acostumada com os mais "velhos" da quarta série, que exigem outro pique, enfim, uma realidade bem diferente daquela conhecida. Depois, ajudar os alunos a superar, juntamente comigo, o susto que levei ao saber que na sua maioria, não sabiam sequer a escrita do próprio nome, de sua composição, das pessoas que fazem parte da família em que vivem, enfim, auxiliar na construção inicial da identidade de cada um.

Foi um trabalho bem extenso, cansativo, desgastante, complexo para a idade deles, delicado pelo fato de "mexer" com a (re)estrutura familiar, enfim, cansativo, mas valeu a pena.

A insistência em fazer com que as crianças entendessem a sua importância, o seu valor, o seu papel dentro e fora da família, o respeito e a valorização do outro como um ser de igual valor ao dele foi muito gratificante.

Hoje, tenho alunos mais respeitosos, que valorizam mais o colega, mais responsáveis, mais colaborativos, mais conhecedores de si mesmos. Claro, tudo isso dentro da realidade de cada um, dentro do ritmo de cada um.

Me sinto frustrada, apenas no que diz respeito a participação da família que é parte fundamental para o crescimento e desenvolvimento da criança. É uma pena que eu ainda tenha alunos, cujos pais, ainda não apresentam aquele comprometimento com a vida e desenvolvimento escolar do aluno/filho esperado por nós quanto escola mesmo que, dentro dela, tenhamos diferentes tipos de famílias e objetivos. Acredito que não posso parar por aqui e desistir de trabalhar com esses alunos e, como consequência, com seus pais. Acredito que seja um trabalho incansável e com resultados a longo prazo. Talvez, daqui há alguns anos, é que saberei se a semente plantada dará bons frutos ou frutos não tão bons como eu imaginei.

Não temos uma receita mágica, uma fórmula para trazer esses pais para o nosso lado, mas precisamos persistir na luta diária, na conscientização desses responsáveis para com essas crianças.

Não se pode negar que, tanto o aluno quanto a escola são beneficiados com a participação dos pais na vida escolar da criança.

Para que haja o sucesso esperado em relação ao envolvimento dos pais no que diz respeito às atividades escolares do aluno/filho, uma das melhores coisas a ser feita é pesquisar sobre a família tendo em vista que muitos indícios, até aqui descritos através da prática do estágio, mostram que uma das causas principais do desinteresse, da pouca responsabilidade das crianças, da falta de comprometimento com seus estudos, enfim, é a falta de participação dos pais no cotidiano escolar do seu filho.

A família quando participa da educação da criança ela pode apresentar melhor aproveitamento na escola.

Sem dúvida, não só a escola mas a família, tem o poder de despertar na criança a curiosidade, o interesse incentivando-a na aprendizagem. Valorizar o que a criança produz na escola, as suas descobertas, estimular a leitura, conversar, brincar, participar de atividades junto das crianças são alguns exemplos que demonstram atenção e carinho e que podem auxiliá-las a sentirem-se mais seguras e, como conseqüência, aprenderem mais e melhor.

Percebe-se, também, que existe um duplo discurso onde, com algumas exceções, a família tenta mostrar de alguma maneira que se preocupa e quer envolver-se no que diz respeito aos assuntos escolares de seus filhos, entretanto, pode-se dizer também que, ao ouvir a fala de alguns professores, estes demonstram que possuem interesse quanto a participação dos pais, da família não aconteça tão somente dentro mas fora do ambiente escolar também, auxiliando o aluno/filho, por exemplo, nas atividades extra-classes (pesquisas, temas, atividades de reforço,...) o que, particularmente, senti dificuldade desta participação durante, e depois, do estágio.

Paro (2000), traz resultados de sua pesquisa bem parecidos bem parecidos quando analisa a fala dos docentes e dos pais, da família ressaltando a continuidade, ou não, na educação da criança. Paro chega a afirmar que os professores esperam que os pais continuem, dentro do ambiente familiar, a educação que é oferecida na escola enfatizando a importância de auxiliar às crianças nos deveres escolares a serem desenvolvidos em casa, o que denomina “uma continuidade de mão única”. Enquanto isso os pais, mesmo chegando ao ponto de afirmar que a escola deve ser vista como a ‘segunda família’, expressam “a timidez diante dos professores, o medo da reprovação dos filhos e a distância que sentem da cultura da escola...” (p.33).

Portanto, mais uma vez, afirma-se a necessidade que a instituição escolar tem em ter uma relação cooperativa junto com a família do aluno/filho, isso porque os professores precisam conhecer o universo sócio-cultural em que seus alunos vivem para que possam respeitá-los, compreendê-los e para que tenham condições de providenciar alternativas a fim de obter o sucesso escolar da criança e não o seu fracasso. Nós professores temos a necessidade que esta relação, que esta parceria com a família, com os pais seja tranqüila, que expresse segurança e confiança para ambos a fim de possuir condições de compartilhar aspectos escolares relacionados ao aluno/filho, como por exemplo, o aproveitamento escolar da criança, o relacionamento com colegas, professores e funcionários da escola, a realização e participação de atividades propostas, suas atitudes e valores.

3.2 - POSSÍVEIS FATORES QUE DISTACIAM A FAMÍLIA DA ESCOLA

Quando os pais não vão à escola, a fala dos professores e profissionais na educação é unânime: "*os pais que não comparecem na escola são aqueles que mais precisam estar presente.*" Isto acontece porque há a preocupação com aqueles alunos que, por exemplo, apresentam problemas na aprendizagem, de comportamento, de relacionamento, de pouca assiduidade, enfim, algum problema que atrapalhe o seu crescimento cognitivo. Mas por que então, nestes casos, os pais não vão à escola?

São inúmeros os fatores que levam a este afastamento da família. O que não pode ser feito é responsabilizá-la totalmente por este afastamento. Cabe aqui colocar que a escola, também, tem sua parcela de culpa nesse contexto, pois, por exemplo, a falta de um projeto pedagógico claro, bem estruturado, com objetivos claros e que levem em consideração as necessidades da clientela que atende e que promova o fortalecimento da ligação entre as duas instituições, contribui para que cada vez mais a família se sinta desmotivada em participar da escola.

Mas não é nada difícil ou impossível de se ouvir de professores aquelas frases já tão conhecidas e que se contradizem com a cobrança de participação da família na vida escolas das crianças: "*os pais devem ficar em casa*", ou, "*...agora*

vão querer mandar na escola, dizer o que temos que fazer...”, ou ainda “...mas eles querem o que na escola?”.

O que mais parece é que o assunto é considerado mais como um jogo de empurra-empurra do que uma busca de soluções.

A escola em que trabalho desde 1999 e onde também, foi desenvolvido meu estágio supervisionado com alunos do terceiro ano do ensino fundamental, apresenta uma característica não muito diferente de outras escolas da mesma rede municipal: a pouca participação da comunidade nas atividades desenvolvidas pela escola. Entretanto, nem sempre foi assim.

Há algum tempo atrás era muito comum ver a comunidade em parceria com a escola, tanto que havia um grupo de pais que auxiliava a direção pelo menos na organização de eventos a fim de angariar fundos para a manutenção da escola. Após um episódio ocorrido dentro da escola, onde a diretora foi retirada do cargo, digamos de maneira grosseira e sem explicações coerentes, a comunidade sentiu-se ofendida e traída o que resultou no afastamento, quase que completo, das famílias da nossa comunidade escolar. Depois disto, já foram várias as tentativas de resgatar a participação desta comunidade, mas todas sem muito sucesso.

A criança quando se sente desprovida de apoio familiar tende a apresentar uma certa apatia na aula, desinteresse pelas diferentes atividades propostas e problemas de relacionamento o que pode contribuir para seu fracasso escolar o que, também, pode ser considerado como um fator que auxilia neste distanciamento da família perante a escola.

Tendo um olhar voltado à escola pode-se dizer que a situação educacional, também oferece condições para este afastamento: a falta de atualização por parte do professor, salários baixos, pouco reconhecimento por parte da comunidade, falta de estímulo aos alunos...Esta percepção nem sempre os pais possuem.

Podemos também ressaltar outras causas que levam a este distanciamento, como por exemplo o autoritarismo em algumas escolas. Alguns pais se afastam pensando e acreditando que não serão ouvidos, que suas opiniões não serão aceitas, que sua participação, ou não, não fará diferença para o desenvolvimento e filosofia da escola.

Muitas vezes, até os professores não estão abertos a receberem estes pais. Por medo, talvez, de que se estiverem presentes no cotidiano escolar, participando

da escola poderão interferir no seu modo de dar aula e, até mesmo atrapalhar o seu planejamento.

Sobre a realidade da escola pública brasileira, Paro (1992), ressalta como fatores a descrença na importância da participação da família na escola, o desinteresse dos pais, segundo o olhar da escola, gerando este distanciamento entre a família e a escola.

Paro (1992) destaca ainda que a escola que distribui sua autoridade de maneira vertical, com relações autoritárias, instala formas de relacionamento sustentado na submissão, o que impede uma relação harmoniosa, complementar e cooperativa entre pais e escola. Para isto é de fundamental importância que ambas as partes estejam agrupadas de maneira harmoniosa

Podem-se listar, aqui, alguns exemplos de motivos que levam os pais a se distanciarem da escola:

- ✓ Fator cultural: mesmo que de maneira indireta, a cultura do país influencia, e muito, para este distanciamento. Como o Estado (nação) dispõe de verbas para a educação, as quais não são valorizadas e nem ao menos divulgadas, muitos pensam, de maneira errada é claro, que a educação não é importante;
- ✓ Falta de conhecimento dos pais: pouco esclarecimento por parte da escola, já é um motivo forte para que haja o afastamento. Temos, em nossas escolas, pais que se mostram interessados em saber sobre a organização e funcionamento da escola. Entretanto, temos também escolas que não deixam claro nem para si mesmas, qual a sua responsabilidade de orientar os pais. A escola tem o dever de esclarecer aos pais quais seus objetivos e perspectivas em relação à participação deles,
- ✓ Omissão: alguns pais, porém, demonstram dificuldade em não fazer o mesmo que seus pais fizeram com eles. Muitas vezes, estas famílias se sentem envergonhadas perante a escola por pensarem que não serão entendidos ou por não saberem expressar-se de maneira clara.
- ✓ Falta de tempo: não é difícil de termos nas escolas pais cuja jornada de trabalho é grande, restando pouco tempo para acompanhar a vida escolar dos filhos.

Talvez, o mais penoso de tudo isto, seja a pouca percepção tanto por parte da escola quanto da família, das causas e efeitos desta relação, para que se possa reverter tal situação ou, pelo menos, amenizá-la.

Seguindo o pensamento de Freire, também, podemos destacar o que ele pensa sobre o papel do professor.

O professor não pode e, nunca poderá, substituir os pais/a família do aluno/filho. Ele é um profissional que trabalha com a criança e não tão somente com o filho daquela ou esta família. É apenas aquela pessoa a mais na vida escolar daquele aluno e que, por um determinado período desta vida escolar, irá ajudá-la a perceber quem ela é, sua importância na sociedade em que está inserida e a construir sua identidade como cidadão. Entretanto, é fundamental que para esta etapa da vida da criança aconteça de maneira tranqüila e satisfatória, a escola e a família estejam unidas em busca de um único objetivo: a otimização do processo de aprendizagem da criança.

3.3 AÇÕES DESENVOLVIDAS PELA ESCOLA FACILITANDO A RELAÇÃO FAMÍLIA/ ESCOLA

Não se pode mais pensar em uma escola de qualidade sem que esta se proponha a desenvolver projetos que visem a interação da família-escola.

Como não existem fórmulas prontas, é interessante ressaltar alguns pontos importantes a fim de que seja possível desenvolver um trabalho de parceria e qualidade.

O que pode ser considerado:

- ✓ Planejar, junto aos profissionais em educação, um trabalho de conscientização sobre a importância dos pais na educação dos filhos;
- ✓ Definir pessoas (professores, orientadores, coordenadores, supervisores,...) e tarefas específicas para o contato direto com os pais;
- ✓ Comunicações por escrito, como por exemplo:
 - Informativos: podem ser mensais ou bimestrais, que tragam informações sobre sugestões de diferentes e possíveis atividades que os pais podem desenvolver com as crianças auxiliando no seu desenvolvimento; sobre o rendimento e comportamento do aluno.

- Oferecer palestras, reuniões com profissionais capacitados a fim de conhecer melhor a clientela da escola e proporcionar um maior e melhor entrosamento entre as partes. Com isto, haveria uma confiança e segurança maior entre a escola e família.
- Promover atividades sócio-educativas a fim de fortalecer ainda mais a relação entre a escola e a família, como por exemplo, atividades esportivas, culturais (teatro, dança, música, gincanas,...), comemorações (dia das mães, dia dos pais, dia das crianças, páscoa, natal, festa junina, aniversário da escola,...), passeios culturais...

Não podemos esquecer também a (re)valorização do professor como pessoa e profissional, através da luta constante por um salário digno, além de incentivos para que busque conhecimentos complementares, oferecendo ao profissional recursos além do giz, quadro e livro didático.

Infelizmente vemos que são poucas as escolas que visam buscar, de maneira consciente, a participação dos pais no ambiente escolar. Em contrapartida, temos pais insatisfeitos com as articulações sugeridas pela escola para que haja este comprometimento da família.

Com isto, a escola não pode deixar-se cair novamente no erro. Deve continuar proporcionando uma relação de diálogo, troca rompendo barreiras que possam existir demonstrando compromisso com o processo educativo.

A vida escolar e a vida familiar da criança perpassam caminhos paralelos. Não é possível distanciar o aluno do filho. Isto prova que, quanto mais forte e mais estreita for a relação entre a família e a escola, melhor será o desempenho escolar da criança. Para isto, também, é necessário que escola e família saibam como desfrutar de todos os benefícios que esta relação é capaz de proporcionar à criança, tanto no que diz respeito a sua aprendizagem quanto a sua relação social.

“ Tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa instituição. A escola tem sua metodologia, filosofia, no entanto ela necessita da família para concretizar seu projeto educativo.” (PAROLIM,2003,p.99)

Sendo assim, é importante destacar a necessidade existente de uma parceria entre ambas instituições, mesmo que cada uma tenha seus valores e objetivos distintos no que diz respeito a educação da criança onde, quanto maiores forem as

diferenças entre as duas, cada vez mais irão necessitar uma da outra. Porém, nem a família, nem a escola devem modificar suas formas de desenvolvimento e organização. O que é fundamental é que ambas estejam ligadas uma à outra e abertas à troca de experiências e ao diálogo através de uma parceria sólida.

Tanto a escola quanto a família são responsáveis pela formação do indivíduo, com funções distintas, formas de educar distintas, cada uma com sua cultura e valores próprios. A família hoje não pode se dizer mais sozinha para educar e única responsável pela formação da criança.

Podemos perceber que a família necessita contribuir com a escola, e vice-versa, auxiliando-se uma a outra para o processo de escolarização do aluno/filho aconteça de maneira significativa através do acompanhamento das atividades diárias desenvolvidas na escola, naquelas que são propostas para serem desenvolvidas em casa, na comunicação permanente entre ambas, com a professora, enfim, acompanhar de perto e incentivar o desenvolvimento da responsabilidade na criança para consigo e os outros, sua criticidade e capacidade de autonomia.

Aos gestores e professores cabe a função de trazer a família para a escola, proporcionando a todos o sentido de cuidado e responsabilidade com a educação da criança.

Com esta participação mais ativa e efetiva, será possível construir uma maneira mais eficaz de aprendizagem. Para que isto aconteça, a escola precisa contar com a participação de todos os segmentos escolares, pois através de um trabalho coletivo conseguir-se-á ajudar a criança na sua aprendizagem.

No decorrer desse trabalho, procurou-se deixar claro o quanto é importante a participação da família na aprendizagem da criança mesmo que essa participação ainda seja um grande desafio para aqueles envolvidos no processo educativo da criança. É fundamental que a escola e a família busquem ainda mais a cumplicidade nessa parceria a fim de conseguirem a superação das dificuldades que possam existir nessa relação onde o maior objetivo é o aluno.

Hoje não são muitas as escolas que podemos observar a existência dessa relação. Quanto mais a escola estiver disposta a abrir as portas para os pais, maior será a participação, o envolvimento deles na aprendizagem das crianças, embora ainda exista muita insatisfação dos pais em relação às práticas utilizadas pela escola.

Constata-se, também, que as dificuldades enfrentadas pelos pais para poderem acompanhar a vida escolar do filho/aluno estão, de certa maneira, forçando a escola desenvolver novos meios para que esse acompanhamento aconteça de maneira cada vez mais assídua.

Do que foi descrito até aqui pode-se perceber o quanto é importante compartilhar responsabilidades ao invés de transferi-las. A escola e a família devem trabalhar em conjunto, cada uma desempenhando suas funções de maneira coletiva, visando um ensino de maior qualidade para as crianças.

Desta forma, procurando responder a questão que norteou esse trabalho, pode-se observar que a relação família-escola possui uma importância muito grande na construção da identidade, da autonomia da criança e a partir do momento que, no decorrer do processo de aprendizagem, é acompanhada pela família leva a criança a adquirir maior segurança sentindo-se amparada por ambas as partes, escola e família, e com isso resulta no favorecimento, no crescimento do processo educacional.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas discussões apresentadas nesse trabalho acredito ter conseguido discorrer sobre a fundamental importância da relação entre a família e a escola.

Tanto a escola quanto a família são referências fundamentais para o desenvolvimento da criança. Quanto mais intensa, colaborativa e próxima for esta relação, mais positivo será o desempenho escolar do aluno/filho. É importante termos em mente a relevância da participação dos pais na educação de seus filhos de modo consciente e permanente.

É necessário que a escola se conscientize e se responsabilize pela imagem que passa para a comunidade escolar. É preciso que a escola busque cada vez mais fortalecer, através de suas ações, a parceria com a família, buscando a superação das eventuais dificuldades apresentadas.

Não possuímos uma “fórmula mágica” para concretizar esta relação pois cada um dos elementos desse contexto tem sua própria realidade. Entretanto é imprescindível que ambas as partes conheçam a realidade a sua e a outra realidade, para que juntas possam construir de forma coletiva e dialógica a concretização dessa parceria. Esta parceria, este diálogo aberto e franco e a transparência servirão de facilitadores para que haja um equilíbrio no processo de aprendizagem do aluno/filho.

Percebe-se, também, a importância que a escola tem ao proporcionar maneiras para comunicar-se com a família de forma eficiente e que auxiliem os alunos em suas atividades escolares, tendo sempre o cuidado de conhecer, considerar e respeitar a realidade das famílias. Através desses recursos torna-se viável uma parceria baseada na confiança mútua, o que certamente irá ter um único beneficiário neste processo: o aluno. Esta parceria não pode deixar de ser cultivada. Ela deve ser permanente e eficaz.

A escola precisa, mais do que nunca, ir ao encontro da família a fim de que juntas possam envolver a criança neste processo, oportunizando que ela tenha um maior e melhor aproveitamento escolar, fortalecendo seus relacionamentos e atitudes, dentro e fora do âmbito escolar (e familiar), além de buscar também uma melhoria na qualidade, aproveitamento e realização das atividades escolares.

Por fim, o ideal é que a escola e família tenham uma relação de cumplicidade, pois esses dois grupos de convivência são de fundamental importância para a criança, enquanto indivíduo em constante formação.

5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLEMAN, J.S. Equality of educational opportunity. Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, 1966.

CHRISTENSON, S., Sinclair, M, Evelo, D.& Thurlow, M (1995). **pender a balança: Políticas e práticas que apóiam ou alienar os jovens com deficiência com alto risco de abandono escolar**. Minneapolis, MN: Universidade de Minnesota, Instituto para a Integração da comunidade.

FERNANDES, Alicia. in **O Jogo sabre**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo, Paz e Terra, 1987.

KALOUSTIAN, S.M. (org.). **Família Brasileira, a Bse de tudo**. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF, UNICEF, 1998.

MÜLLER , José Luiz. **Disciplina Indisciplina: nenhuma cotidiano escolar**, 2001.

NOGUEIRA, Neide. A Escola Relação Entre e COMUNIDADE NA Perspectiva dos PCNs. Revista Pedagógica PÁTIO: Comunidade e Escola - Integração acional. Porto Alegre: ARTIMED, 1999, ano3. N ° 10, p. 13-17.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão Pública da Educação: a Comunidade da Participação**. São Paulo, 1992.

PARO, Vítor Henrique. **Qualidade de ensino: A contribuição dos pais**. São Paulo: Xamã, 2000.

PAROLIN, Isabel. **Professores formadores: a relação entre a família, a escola e a aprendizagem**. Curitiba: Positivo, 2005.

PILETTE, Nelson. **Sociologia da educação**. 5ª Ed. São Paulo: Ática, 1987.

TIBA, Içami. **Quem ama, educa**. 2ª ed. São Paulo: Gente, 2002.